

Por Carlos Eduardo Gouvêa, diretor de Relações Institucionais do Instituto Ética Saúde, e Filipe Venturini Signorelli, diretor Executivo do Instituto Ética Saúde

A crescente complexidade dos sistemas digitais e a onipresença da inteligência artificial (IA) têm gerado uma discussão aprofundada sobre a ética dos algoritmos ou *algorithethics*. Este conceito aborda a responsabilidade moral e social no desenvolvimento e uso de algoritmos. E na saúde, especialmente, o impacto é direto em aspectos críticos da vida humana.

O termo surgiu com força no início do ano passado, no Vaticano, após encontro entre representantes do judaísmo, cristianismo e islamismo, que lançaram conjuntamente um apelo em favor do desenvolvimento ético da inteligência artificial (AI). O Papa Francisco pediu que “a algorética, ou seja, a reflexão ética sobre o uso de algoritmos, esteja cada vez mais presente não apenas no debate público, mas também no desenvolvimento de soluções técnicas”.

Globalmente, a ética dos algoritmos tem se tornado pauta para legisladores, pesquisadores e empresas de tecnologia. Organizações como a União Europeia e o Fórum Econômico Mundial têm promovido diretrizes e regulamentações para assegurar que os algoritmos sejam usados de maneira responsável e justa. Nos Estados Unidos, debates sobre o tema têm influenciado políticas públicas e a criação de novas leis destinadas a proteger os cidadãos contra práticas discriminatórias e invasivas.

No Brasil, a preocupação com a ética dos algoritmos também tem ganhado atenção, especialmente à medida que o país avança na adoção de tecnologias digitais. A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), em vigor desde 2020, é um reflexo desse movimento. Ela estabelece regras rigorosas sobre a coleta, processamento e armazenamento de dados pessoais, com o objetivo de proteger a privacidade dos cidadãos e garantir que os dados sejam usados de maneira ética e responsável.

A aplicação da ética dos algoritmos na saúde é crucial devido à natureza sensível dos dados envolvidos e à interferência na vida dos pacientes. A inovação tecnológica tem o potencial de transformar significativamente a saúde, com diagnósticos mais precisos até tratamentos personalizados e eficientes. No entanto, a implementação de algoritmos e IA na saúde exige cuidados rigorosos para evitar consequências negativas.

O Instituto Ética Saúde iniciou conversas, recentemente, com a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), para que o tema seja tratado com mais atenção dentro de um esforço coletivo de busca de melhoria contínua da jornada do paciente. Inclusive, *algorithethics* será pauta na revisão, ainda em 2024, do Marco de Consenso Brasileiro para a Colaboração Ética Multissetorial na Área da Saúde, pelo Instituto Ética Saúde e entidades setoriais.

São muitos os pontos de atenção:

1. Proteção de dados dos pacientes

Os algoritmos usados em saúde frequentemente lidam com grandes volumes de dados pessoais e clínicos, tornando essencial garantir a proteção dessas informações. Várias medidas devem ser adotadas para evitar a exposição indevida e proteger a privacidade dos pacientes:

- **Anonimização de dados:** Sempre que possível, os dados devem ser anonimizados para que a identidade dos pacientes não possa ser rastreada;
- **Segurança da informação:** Sistemas de armazenamento e processamento de dados devem implementar criptografia e outras medidas de segurança para prevenir acessos não autorizados;
- **Transparência e consentimento:** Os pacientes devem ser informados sobre como seus dados serão utilizados e devem consentir com o uso desses dados para fins de pesquisa e desenvolvimento de algoritmos.

2. Prevenção de viés algorítmico

Algoritmos de saúde devem ser projetados para evitar viés e discriminação. O viés algorítmico pode levar a diagnósticos imprecisos ou tratamentos inadequados, particularmente para grupos minoritários ou menos representados nos dados de treinamento. Para mitigar esses riscos:

- **Diversidade nos dados de treinamento:** Assegurar que os dados utilizados para treinar algoritmos representem adequadamente todas as populações e condições de saúde;
- **Auditorias e revisões:** Realizar auditorias regulares e avaliações de impacto para identificar e corrigir possíveis fontes de viés.

3. Integridade e precisão das decisões

A integração de IA e algoritmos na prática clínica deve ser feita com cautela para garantir que as decisões automatizadas sejam precisas e confiáveis:

- **Validação e testes:** Antes de serem implementados, os algoritmos devem ser rigorosamente testados e validados em ambientes controlados;
- **Monitoramento contínuo:** Implementar um sistema de monitoramento contínuo para detectar e corrigir problemas rapidamente após a implementação.

À medida que continuamos a avançar em direção a um futuro mais digital e automatizado, é vital que os profissionais da saúde, desenvolvedores de tecnologias e legisladores trabalhem juntos para criar um ambiente ético e seguro para a aplicação de algoritmos e IA na saúde.

A inteligência artificial não é o amanhã, é o hoje, e tem que ser aplicada para o bem da humanidade. Portanto, precisamos usá-la de forma correta, no nosso dia a dia.

Filipe Venturini é Diretor Executivo e Carlos Eduardo Gouvea é Diretor de Relações Institucionais, do Instituto Ética Saúde.

* A opinião manifestada é de responsabilidade dos autores e não é, necessariamente, a opinião do IES

Fonte: [Instituto Ética Saúde](#), em 17.10.2024.